

# DO ÓCIO À O.C.A. Um relato sobre a Ocupação Coletiva de Arteiros

*FROM IDLE TO O.C.A.  
A report on Ocupação Coletiva de Arteiros*

**Ana Luisa Panarelli Costa<sup>1</sup> e Caroline Leal Bonilha<sup>2</sup>**

## Resumo

O presente artigo se baseou no registro e reflexão acerca da experiência do coletivo O.C.A. (Ocupação Coletiva de Arteiros), que ocupou um dos muitos casarões históricos abandonados na cidade de Pelotas. Levantei como hipótese a possibilidade de ressignificar a herança histórica e cultural em um patrimônio público ocioso, a partir da reativação do espaço pelo coletivo de arte independente, que direcionou suas ações para as principais problemáticas contemporâneas. Em busca de subverter as lógicas capitalistas do ambiente urbano e criar outras formas de habitar o espaço, o coletivo gerou uma vivência artística como ferramenta de transformação cotidiana e como possibilidade de interconexão entre as pessoas.

Palavras-chave: ocupação artística, contracultura, ressignificação histórica, resistência urbana.

## Abstract

*This study was based on the register and reflection about the experience of O.C.A. collective (Ocupação Coletiva de Arteiros), which occupied one of the many abandoned historic buildings in the Pelotas city. I hypothesized the possibility of create a new meaning to historical and cultural legacy in a public heritage building, based on the renew of the space by the independent art collective, which directed its actions towards the main contemporary problems. In order to subvert the capitalist logics of the urban environment and to create other ways of inhabiting the place, the collective provided an artistic experience as a tool for everyday transformation and as a possibility for interconnection between people.*

*Keywords: artistic occupation, contraculture, historical resignification, urban resistance.*

## No vazio cabe o infinito

A cidade é um lugar de disputa territorial, de negligência e marginalização de uma parcela grande da população segundo a lógica capitalista do ambiente urbano, a necessidade de transformação urbana é crescente e urgente. Conforme afirma David Harvey (2014) o processo de avanço do capitalismo, movido pelo acúmulo de capital, levou a expansão desordenada das cidades, independente de seus impactos sociais, ambientais e políticos. O autor, em diálogo com o conceito de “Direito à cidade” de Henri Lefebvre, defende que o direito à cidade está além do direito de acesso a recursos urbanos, incorpora ao conceito o direito de reinventar a cidade a partir dos nossos desejos. Ainda segundo Harvey (2014, p. 20) “o direito à cidade é um significante vazio. Tudo depende de quem lhe vai conferir significado.”. Se apropriar do vazio da cidade, pode transformar a maneira de se relacionar com o meio, com o outro e com nós mesmos. Assim como a palavra vazio diz sobre o nada, também diz sobre as infinitas possibilidades, o vazio pode ser tanto um lugar de invisibilidade que oculta o objetivo de gerar lucro e reforçar estruturas históricas, quanto um lugar de experimentação, para imaginar e praticar visando um mundo diferente. A apropriação do vazio da cidade através de perspectivas críticas, criativas e reflexivas gera espaço fértil para germinar formas de resistência contra a força de desertificação do neoliberalismo.

Diversas iniciativas de ocupação agem no espaço das cidades por meio de diferentes vertentes, que vão de acordo com as necessidades locais e com a vontade dos grupos. Na América do Sul, várias dessas iniciativas se aproximam, há um intercâmbio cultural entre os países através de viajantes e nômades, que compartilham estratégias de ocupação e manifestação, ainda que cada grupo as aplique de acordo com suas singularidades. São exemplos de práticas em comum o chamado “faça você mesmo”<sup>3</sup>, as *squat*<sup>4</sup>, os centros culturais, a permacultura, entre outros, que estão presentes em formas de organização com vieses anarquistas, ecológicos, antirracista/patriarcal/capitalista.

Um dos exemplos da expansão desordenada da cidade, muito presente no ambiente urbano, são os casarões históricos. De acordo com Marina Waisman (1990), os patrimônios históricos podem ser compreendidos através de pelo menos dois sentidos, que são opostos entre si, de um lado aquele que prioriza o valor de consumo e de outro o valor de uso. O primeiro valoriza aspectos superficiais e visualmente atraentes do patrimônio, com a prioridade de estabelecer relações de uso comercial, no qual contribui para “criar uma falsa identidade” e emprega o uso do patrimônio desarticulado do contexto da população, que frequentemente é excluída desses espaços. Já o segundo, está associado justamente ao uso pela população, que atribui valores a partir da identificação e apropriação do espaço, de acordo com a função e memória social para determinado grupo, sujeito a transformações necessárias que agreguem sentido na contemporaneidade.

A seguir, iremos peregrinar pelo passado do coletivo de ocupação O.C.A. (Ocupação Coletiva de Arteiros), que, a partir de práticas artísticas e de ação direta, reativou um casarão histórico abandonado na zona portuária de Pelotas, faz parte de uma das mais importantes encruzilhadas da região e é margeado pelo canal São Gonçalo. Durante o percurso deste texto, não realizei uma divisão necessariamente cronológica dos anos, mas sim de acordo com a demarcação das características de cada período. Por isso,

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes na Universidade Federal de Pelotas (PPGArtes/UFPel) na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. Licenciada em Artes Visuais (UFPel).

<sup>2</sup> Doutora em Educação Ambiental (UFRG). Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel). Licenciada em Artes Visuais (UFPel) e Ciências Sociais (UFPel). Professora da área de Arte e Cultura (UFPel).

<sup>3</sup> Cultura apropriada por anarquistas e movimentos anticonsumistas, no final da década de 1970. É uma forma de princípio ou ética, que questiona o suposto monopólio das técnicas por especialistas e estimula pessoas não-especializadas a aprender a fazer.

<sup>4</sup> É o ato de ocupar espaços abandonados ou desocupados, como terras, favelas, casas, centros sociais, jardins ou locais de protesto.

cada título é representado por um cômodo, que se comunica simbolicamente com os principais momentos vividos durante a ocupação. Todos os relatos colocados são parte das entrevistas que realizei com Bruna, Sarah e Carole, que participaram da ocupação, além de percepções pessoais sobre a experiência que vivenciei, primeiramente frequentando o espaço e posteriormente como integrante do coletivo, de 2017 em diante. A “Porta de entrada (2014)” narra o início da ocupação, em seguida “A cozinha (2015 - 2016)” conta sobre a fundamentação das ideias e desenvolvimento de práticas, até chegar “A sala escura (2017 - 2018)” que relata o que se mostrou mais emergente e, por fim, a “Porta de saída (2019 - 2024)”, que descreve o fim do coletivo e um novo recomeço.

A união entre a necessidade de criar um espaço artístico independente, com a vontade de intervir no espaço urbano, despertou uma forma diferente de ocupar a cidade, gerou questionamentos sobre a lógica civilizatória e proporcionou práticas libertárias coletivas. As vivências ultrapassaram o ato fundamental de habitar, o cotidiano provocou questionamentos sobre a reprodução inconsciente de hábitos na cidade, possibilitou a autopercepção e autocrítica dentro das esferas do consumismo, das reproduções de opressão e do individualismo. Transformou o dia a dia em uma ampla oportunidade de colocar a ideia em prática, em ação direta. O coletivo de ocupação se formou a partir da vontade de fundir a vida e a arte, experienciar a arte como vida e a vida como arte, de revitalizar um patrimônio cultural público, ser um lugar de encontro entre experiências artísticas, políticas e de múltiplos saberes. Com base nos princípios de autonomia, autogestão e apoio mútuo, gerou um espaço de fluxo intenso e diverso, tanto de pessoas quanto de práticas. As funções do cotidiano se estabeleceram com o passar do tempo, são alguns exemplos de práticas o “recicle” de alimentos, a realização de oficinas, encontros, grupos de estudo, a manutenção do local, o cuidado com a horta coletiva, a elaboração de projetos e a produção de eventos.

A casa se tornou um espaço aberto a proposições, que giravam em torno de propostas multiartísticas e transdisciplinares, onde aconteceram inúmeras atividades, como *varietés*<sup>5</sup>, laboratório de performance, exercícios circenses, rodas de conversa, grupos de estudo, cinema, herbário, treinos de capoeira, oficinas de cerâmica, construção de instrumentos, teatro, marcenaria, musicalização, entre outras. Abrigou dois projetos de longa duração: o Coletivo Ateliê Livre Judith Bacci (serigrafia) e o Multiversidade Autogestionária de Aprendizagens Livres (grupo de estudos), além de ter formado uma biblioteca libertária. Também foram desenvolvidas as pesquisas acadêmicas relacionadas à experiência na casa “Contaminações entre prática artística e docência: a construção de uma metodologia viva” de Paula Wiener Reisser, “Desobediência Urbana - estratégias, práticas e táticas urbanômades” de Rogério Nunes Marques e “O.C.A. Ocupação Coletiva de Arteirxs: 3 anos de atividade e resistência” de Maurício Ploenals.

### Porta de entrada (2014)

Preservar o prédio degradar seus valores. Criar lugares que faltam em casas que existem em vão. Destituir aqueles que herdaram fortunas com exploração. Sair da correnteza letárgica das cidades. Praticar ideias. Habitar o fluxo de interações e criações. Romper as fronteiras imaginárias do conhecimento. Transmutar o corpo e os seus desejos. Recuperar o sentido básico da compreensão de que não estamos acima da natureza, somos parte dela. Todos esses pensamentos guiaram as vontades

<sup>5</sup> *Varieté* é um tipo de evento com apresentações artísticas variadas, que geralmente é caracterizado por apresentações teatrais e circenses, com teor crítico e que estabelece uma relação com o público.



Figura 1- Abertura da casa, 2014. Fonte: <https://www.facebook.com/ocupacaoarteirxsOCA/photos/338146199704186>

do coletivo, em maior ou menor grau, era desafiador para qualquer um enfrentar os processos de desconstrução e construção, as dúvidas eram muito mais frequentes que as respostas. Ocupar um prédio histórico era estar em contínuo contato com o passado, buscar consciência no presente e agir imaginando outro futuro, essa linha do tempo parecia não ser tão bem dividida.

A porta de entrada narra brevemente sobre o contexto histórico de edificação da casa, mas com enfoque no início da ocupação, que se deu em torno de um século após sua construção. A fotografia da fachada do casarão registrou o momento em que a porta foi aberta para sediar o que viria a ser o coletivo O.C.A. (Figura 1). A posição geográfica privilegiada do município, sob o ponto de vista das atividades comerciais, possibilitou um grande desenvolvimento econômico por meio das charqueadas, o que fez a cidade ter uma das maiores rendas do Brasil e posteriormente viabilizou a instalação de polos industriais, entre o século XIX e XX (KNUTH, 2013). Estima-se que o casarão ocupado foi construído no contexto de urbanização da cidade, aproximadamente no final século XIX, devido ao desenvolvimento da zona portuária e às características de sua construção. No contexto de transição para o século XX, de acordo com Gutierrez (1999), a mão-de-obra chegava ao fim do regime escravista, a cidade passou pelo processo de urbanização com a inserção de saneamento básico, pavimentação, transporte coletivo de bondes, instalação de luz, praças e parques. O aparente progresso da infraestrutura urbana esconde o fato de que os trabalhadores recém-libertos do regime de trabalho escravista, na verdade tinham mais chances de morrer que os ainda escravizados, os africanos livres contabilizaram o maior número de mortes na Santa Casa. Ainda de acordo com Gutierrez (1999), a população nativa praticamente não teve atendimento hospitalar, esses dados demonstram que a construção do Novo Mundo trazia benefícios apenas para os europeus e seus descendentes.

O prédio que hoje pertence à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), abrigou diversas atividades ao longo de seus mais de cem anos. O que acessamos de informação sobre seu uso, segundo a população local, é que em algum momento foi moradia familiar e em outro foi um bordel. Já segundo registros mais recentes,

funcionou uma casa noturna chamada Neptuno (KNUTH, 2013), posteriormente foi conhecida como Bataclã, quando foi uma das casas de estudante provisória da UFPel (OTERO, 2015) e logo após ficou em desuso. Contudo, essas funções são parte da história recente do casarão, há uma grande lacuna no tempo sobre seu funcionamento e sobre a motivação de sua construção. Durante o final do século XX, aconteceram mudanças econômicas que levaram ao processo de desindustrialização portuária. Por isso, a universidade adquiriu, em 1990, os prédios e estruturas industriais que estavam abandonados, como forma de reativação do espaço urbano. Desde então, a rotina dos universitários na região vem alterando a dinâmica territorial, não apenas do bairro, mas também da cidade (KNUTH, 2013).

No período que antecedeu a ocupação, a casa era um dos vários depósitos da UFPel e encontravam-se sinais de deterioração do tempo. O patrimônio histórico ocioso representa simbolicamente a forma como lidamos com a própria história: por meio de uma memória esquecida e fragmentada.

Em 2014, estudantes da UFPel solicitaram as chaves do prédio, sem grandes expectativas, apenas para realização de oficinas em uma semana que foi muito movimentada culturalmente, com os eventos do “Porto das Artes” promovido pela UFPel e o “3º Pelotas Jazz Festival”, com grandes nomes da música brasileira. Segundo Sarah e Carole, que estavam presentes nesse primeiro momento, a O.C.A. surgiu como uma extensão do evento da universidade, propondo oficinas de bufão, palhaçaria, teatro, entre outras, inicialmente mais voltadas para as artes cênicas. Inspirados por esse momento de efervescência artística que estava acontecendo na cidade, algo que se tornou cada vez mais raro, se depararam com a potência desperdiçada daquele lugar vazio e ocuparam a fim de movimentar culturalmente a comunidade. Aquilo que inicialmente seria uma semana de oficinas, transformou-se em cinco anos de ocupação multiartística, onde passaram mais de cem pessoas, de diferentes cidades e países, com atividades diárias e propostas transdisciplinares.

Considero outros dois acontecimentos anteriores como propulsores da formação do coletivo. Primeiramente as manifestações de 2013, a nível nacional, que começaram com a iniciativa do Movimento Passe Livre, o qual suscitou discussões sobre as restrições de acesso à cidade para grande parte da população, devido ao aumento da tarifa de ônibus e com isso difundiu o conceito de “direito à cidade” (LIMA, 2018). Apesar de não ter uma influência direta, a proporção que esses movimentos tomaram encorajou a manifestação popular de diversas formas. Foi um momento em que percebemos a força da ação coletiva, mesmo sem prever as consequências dessas manifestações para o país. O segundo acontecimento foi o “Ocupa tablado” em 2014, a nível regional, no qual estudantes dos cursos de teatro e dança da UFPel ocuparam o prédio a fim de exigir melhorias estruturais. Durante essa ocupação, em que estavam presentes pessoas que viriam a se tornar os primeiros membros da O.C.A., foram propostas experiências de atividades de acordo com seus interesses. Assim promoveram eventos, apresentações e oficinas diariamente, passaram pela experiência de ocupar um espaço em que se aprendia e ensinava simultaneamente, experimentaram as potências de si, do coletivo e do espaço no cotidiano.

O fim do “Ocupa tablado” gerou a falta de um espaço de propostas livres, um lugar para vivenciar a arte no dia a dia, em que era possível dar sentido ao aprendizado e conectar diretamente a teoria e a prática. Ao entrarem na casa, os estudantes se depararam com um imóvel sem utilidade, onde encontraram palco, camarim, um longo tapete vermelho e cômodos amplos, localizado próximo ao Centro de Artes da UFPel. Uma estrutura cheia de possibilidades, que pertence a toda população, trancada, corroída pelo tempo e pelo descaso.



Figura 2 - Aniversário de 1 ano da OCA, 2015. Fonte: <https://www.facebook.com/ocupacaarteirxsOCA/photos/461730424012429/>

Desde o começo, o espaço manteve as atividades abertas a propostas, que foram se diversificando com o passar do tempo e envolvendo cada vez mais pessoas. Uma das marcas dessa época era a intensa presença de crianças, principalmente dos bairros do entorno, que se atraíam pelas atividades. Outra característica, também muito marcante desde o princípio, foi a relação com artistas de rua, desde grafiteiras e grafiteiros, pixadores e pixadoras, até com os chamados por nós de “viajeiros”. Os “viajeiros” eram andarilhos geralmente latino-americanos, que tinham como fonte de renda e modo de vida os chamados “mangueiros”, que significa, entre outras coisas, arte independente que acontece nos lugares mais movimentados da cidade e pede em troca uma contribuição espontânea. Essa prática foi incorporada por várias pessoas que transitaram pela casa, por ser uma forma de fonte de renda em que é possível desenvolver práticas artísticas, contato direto com a cidade e as pessoas, na qual não é necessário se submeter a um patrocinador ou ao mercado da arte. Entre os “mangueiros” mais comuns estavam as práticas circenses nos semáforos, a música de rua, confecção e exposição em feiras de produtos naturais, artes gráficas, zines, artesanato, tudo aquilo que segue a ideia de “faça você mesmo”.

### A cozinha (2015 - 2016)

Lugar da casa comumente reservado à alimentação, a cozinha é o cômodo onde as pessoas se reúnem para o preparo da refeição, que propicia um espaço de compartilhamento. É nela que fazemos uma mistura de elementos que nutrem e sustentam um corpo. Nesse momento, ocorreu o processo de digestão das ideias que deu base e sustentação para o corpo coletivo, foi quando se corporificaram práticas, hábitos e estratégias a partir dos contatos gerados principalmente entre alguns “viajeiros” e okupas anarco-punks (Figura 2).

As práticas e ideais se estabeleceram de forma mais consistente nesse momento, com as atividades como oficinas, encontros, debates, mantendo a porta aberta para



as proposições externas, reuniões para divisão de tarefas, organização de eventos, manutenção da casa, elaboração de projetos e o “recicle” de alimentos. A cozinha costumava ser um dos lugares que mais concentrava funções e conseqüentemente pessoas, foram nesses dois anos que o movimento de pessoas na casa foi mais intenso. Era posicionada no andar de baixo, próximo a porta de entrada que ficava em frente à rua e passava a maior parte do tempo aberta, então era a cozinha o fluxo de interação. Por ali passavam todos os tipos de pessoas, crianças da região, trabalhadores em suas pausas, estudantes, peregrinos, curiosos, entusiastas do movimento e pessoas com os mais diversos problemas em busca de algum auxílio. Outra função do cotidiano, ligada à cozinha, ao tempo e a troca entre as pessoas, era buscar lenha para alimentar as chamas do fogão a lenha. Lembro de um sentimento amplamente compartilhado de que existia um vórtex temporal na cozinha, era muito difícil sair dela. A cozinha era o ponto de encontro.

Ali os “recicles”, que eram nossa principal fonte de alimento, chegavam sempre em bicicletas com caixas de feira no bagageiro, para passarem pelo processo de limpeza, onde eram selecionadas as partes do alimento que seriam consumidas das partes que iriam para a composteira. O “recicle” de alimentos era realizado no final do expediente de alguns restaurantes da cidade e no fim das feiras. Essa prática, muito comum entre ocupações, baseia-se em reaproveitar as “sobras” de comida que iriam ser descartadas, ainda que seus valores nutricionais não tenham se alterado, já que há mais lucro com o desperdício do que com o reaproveitamento, segundo a lógica capitalista de consumo (MARQUES, 2018). Esta é uma alternativa viável dentro de centros urbanos, em que não há lugar suficiente para o plantio de alimentos de subsistência, um ato que visa não financiar a indústria alimentícia e agir contra o desperdício. Mesmo sem espaço suficiente para uma grande plantação, a praça pública em frente ao prédio foi ressignificada pelo coletivo ao criar uma horta comunitária, que contou com a colaboração de moradores do bairro e resistiu até o último ano de ocupação (Figura 3).

Era no mínimo curioso ver que uma ação tão primária, como a de plantar alimentos, incomodava tanto os órgãos públicos da cidade. Todos os anos, no período que

antecedia o carnaval, funcionários da prefeitura retiravam as plantas e estruturas construídas pelo coletivo. A horta revitalizou a praça, mesmo com o esforço para anular essa iniciativa, passávamos o resto do ano recriando-a, com a compostagem dos alimentos, cuidado e plantio, troca de saberes, principalmente com as pessoas mais velhas do bairro, além de constantes manutenções e a retirada do lixo do local.

A autonomia, autogestão e apoio mútuo aqui se consolidaram como fundamentos da organização coletiva, baseados em alimentar-se de restos, habitar o abandono, incitar uma arte insubmissa e subversiva, compartilhar em meio a crescente segregação. Essas ideias são parte dos pilares do anarquismo, amplamente discutidos por diversos teóricos reconhecidos. Conforme a autora Fernandes (2016), que sistematizou esses conceitos a partir de importantes pensadores, a autogestão para Kropotkin significa um modelo de gestão em que a tomada de decisões e o controle devem ser feitos de forma horizontal pelo coletivo, já o apoio mútuo de acordo com Proudhon baseia-se na autonomia, solidariedade e eliminação da autoridade.

Apesar de os principais nomes do pensamento anarquista terem influenciado a filosofia do nosso coletivo, as nossas fontes principais para forma com que nos organizamos partiram de referências mais próximas à nossa realidade. Para Vergara (2013), a autonomia está diretamente relacionada à libertação individual e coletiva, que só pode ser atingida em um espaço sem autoridade, o apoio mútuo é a cooperação entre indivíduos de uma organização e a autogestão se dá através da auto-organização dos indivíduos dentro da comunidade. Os três conceitos estão interligados e não existem isolados sem perder o sentido abordado aqui. A autora do trabalho citado fez parte da convivência da Okupa 171, que ficava próxima à O.C.A. e foi uma das principais referências para a forma como nosso coletivo se organizou.

A autonomia, em nosso contexto, foi o processo de indivíduos que reivindicaram a libertação do corpo e das normas sociais, que tem como padrão a naturalização imposta de corpos brancos, heterossexuais, cisgêneros e normativos e a conseqüente marginalização a tudo que foge à essa norma. Tal oposição feita à uma ideologia que é tão normalizada desde o nascimento, entranhado na história do nosso país desde a colonização, não poderia passar por transformações e descobertas sem questionamentos individuais e coletivos, que levaram a conflitos e autopercepções. Um dos acontecimentos expoentes mais relevantes sobre esse debate, foi a performance em repúdio a violência contra mulher, no Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFPel, realizada por mulheres cisgênero e dissidentes de gênero, em que estavam presentes membros do coletivo O.C.A., no final de 2015. A manifestação aconteceu na semana em que foram vazadas imagens de um grupo do *Whatsapp*, do qual tinha como membros homens de dentro da instituição, que compartilhavam fotos sexualizadas de mulheres dos cursos de humanas, sem o consentimento delas. O ocorrido causou grande indignação e repulsa, que foi o estopim das múltiplas violências vividas e dificilmente levaria a outro lugar que não ao de um ato combativo, no qual encontrou na linguagem performática a potência de difusão e expurgo através do choque. O ato teve uma grande repercussão nacional e em praticamente todas as notícias foram divulgadas desinformação, que nem ao menos citaram o que levou a manifestação a acontecer, a aversão à nudez e aos atos simbólicos foi muito maior do que à violência em si. Algumas pessoas presentes nesse ato foram até mesmo perseguidas nas ruas e nas redes sociais. Na semana seguinte foi feita uma *varieté* na O.C.A. que, segundo Sarah, foi um evento artisticamente potente e bem organizado, no qual as pessoas presentes na performance estavam unidas pela reverberação e intensidade desta. Entretanto, homens que faziam parte da convivência do espaço perseguiram insistentemente mulheres que participaram da performance, o que foi uma das violências vividas no nosso próprio meio.



Foi um período de assimilação das múltiplas opressões causadas pela misoginia em nossas vidas, em que muitas de nós nomeamos as violências de gênero que vivemos ao longo da vida, o que resultou em uma ação direta organizada contra o abuso. A união de mulheres cis, pessoas trans e das “bixas”<sup>6</sup> contra os abusos, violências e opressões, para criar espaços em que não nos sentíssemos em constante alerta de perigo, ficou conhecido entre nós por “racha macho”, alguns efeitos desse movimento foram importantes, mas também teve suas próprias problemáticas. Organizações muito semelhantes aconteceram nas ocupações universitárias de 2016, como pude presenciar nas ocupações da UFPel, da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal de Belo Horizonte (UFMG). Mais tarde, esse movimento evoluiu para um questionamento cada vez mais presente sobre os papéis de gênero e suas reproduções, a normatividade da sexualidade, os privilégios de classe e da branquitude. Já a experiência autogestionária criada no espaço, aconteceu em diferentes campos de ação, com características próprias, sempre relativo à busca por emancipação da estrutura estatal e ao boicote dos principais pilares do capitalismo. Tal busca por uma vida e modos de fazer arte independente, encontrou a autogestão como ferramenta para praticar a ideia, ligada a modos de elaborar processos políticos, econômicos e de ensino-aprendizagem.

Para Bahia (2020), a arte sempre estabeleceu ao longo da história, ao menos desde a Idade Média, vínculo estreito com o poder vigente, na qual esteve associada anteriormente a igreja, sucessivamente a aristocracia, a burguesia, até chegar a sua atual relação com corporações. O vínculo de longa data entre arte e instituições de poder, segundo a autora, atualmente está interligado ao Estado, à mídia e ao mercado, que atuam ativamente para definição de valores, daquilo que é considerado arte e de quem irá ser reconhecido como artista. De acordo com Bahia, até o século passado os artistas tinham duas opções: poderiam sujeitar o fazer artístico as vontades dos

<sup>6</sup> Bixa é um termo de cunho pejorativo, apropriado pela comunidade LGBT+ como forma de resignificação e autoafirmação. Comumente se refere a homens cisgênero afeminados ou dissidentes de gênero.

patrocinadores ou assumir um posicionamento marginal. Contudo, atualmente o mercado se apropria das questões entendidas como “marginais” e gera um processo de espetacularização, esvaziamento e mercantilização da arte.

O capitalismo neoliberal, que se apropria das diversas pautas sociais e “marginais”, frequentemente utiliza expressões artísticas como recurso para a construção de uma falsa imagem de conscientização social e ambiental, o que não ameaça necessariamente as estruturas de poder e mascara a raiz dos problemas. Este pensamento não tem um valor moral, tendo em vista que os artistas ainda dependem do financiamento de instituições já que há uma grande dificuldade de se manter enquanto artista independente no Brasil. Mas ainda assim, legítima a necessidade de existência da arte independente, que tem a liberdade de se expressar desvinculado das instituições e do mercado. Por isso o nosso interesse na produção artística da contracultura, nas mídias independentes, na construção de uma economia circular e nas discussões políticas que podem construir modos anticapitalistas de viver no meio urbano.

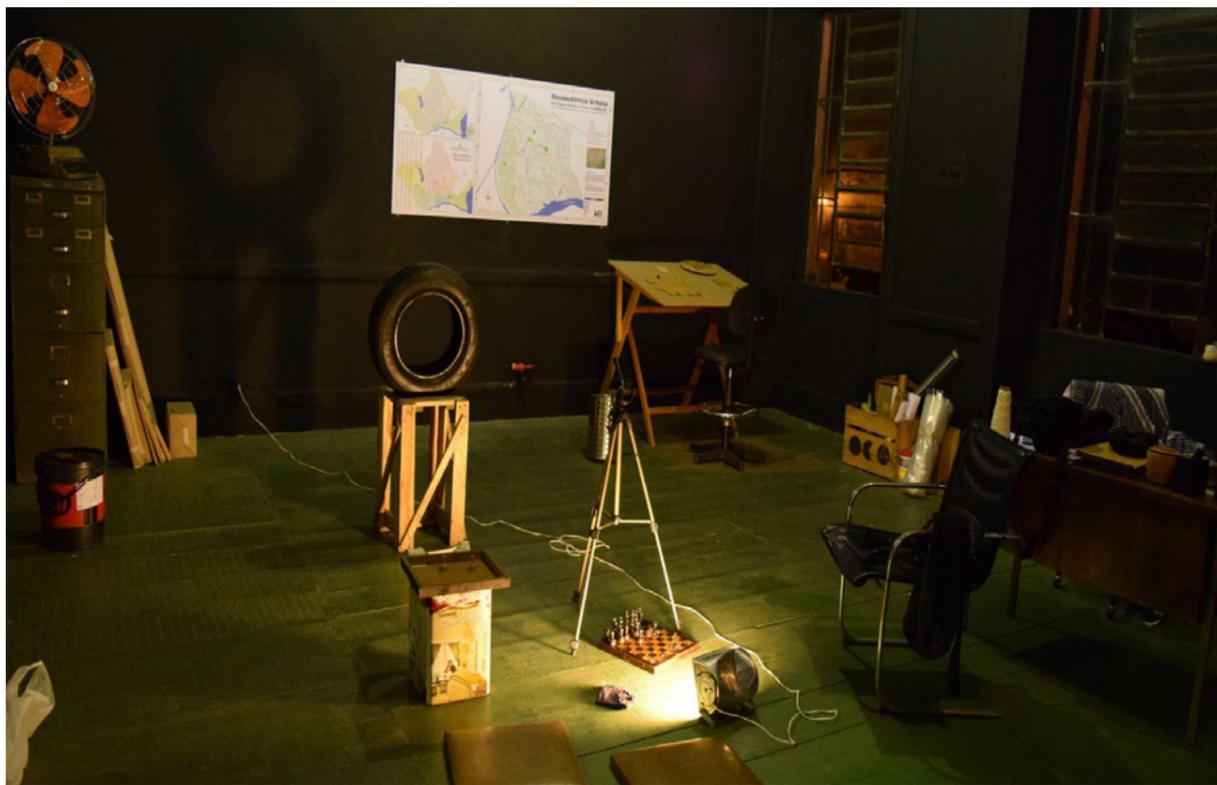
A gestão econômica do espaço se dava de diferentes formas, como os “mangueios” individuais e coletivos para o caixa da casa, com uma contribuição semanal para produtos básicos que não era possível conseguir através dos “recicles”. Já a verba feita a partir dos eventos, era direcionada às constantes necessidades de manutenção do prédio, como construção de mezaninos, reparo da fiação elétrica, conserto do telhado, entre outras, geralmente auxiliado por quem tinha conhecimento prévio.

A preocupação com a nossa responsabilidade sobre o meio ambiente em uma vida urbana, levou a criação do banheiro seco, horta comunitária, os encontros “Herbário” sobre plantas medicinais e a abordagem sobre as pautas indígenas desde o início da ocupação. De acordo com Bruna, outra prática presente era a de repensar a relação com vidas não humanas, no espaço não se cozinhava carne e três animais foram resgatados da rua: Morcega, Hermes (ambos gatos) e Pelúcifer (cachorro). O hábito do cuidado com os animais que estavam em estado de vulnerabilidade, gerado pelas condições de imposição da vida humana sob qualquer outra, reforçava o pensamento antiespecista, esses animais eram membros do coletivo e traziam outra vida para o espaço.

Durante esses anos, a presença das crianças no espaço continuou sendo muito demarcada, como as práticas também se baseavam em lidar com as demandas externas que atravessavam o lugar, surgia a necessidade de criar atividades que não tinham na região. Um dos motivos de manter a porta sempre aberta, além de receber propostas já materializadas, era justamente perceber o porquê o espaço era procurado, para fazer existir o lugar que faltava (Figura 4).

As *varietés* foram, sem dúvida, uma das características mais singulares do espaço durante todos os anos. Era um evento não apenas de confraternização, mas de manifestação cultural, no qual as pessoas de dentro ou de fora do coletivo se dispunham a exteriorizar tudo o que carregavam. O dia de *varieté*, era o dia de esticar o longo tapete vermelho, que sugestivamente já estava no espaço antes da ocupação, o ambiente burlesco e de cabaré, junto as performances viscerais, com influências circense, da cultura *freak* e do pornoterrorismo, geraram muitas vezes um estado de alteração da consciência generalizado.

Entre as atividades desenvolvidas ao longo desses anos estavam o MaLoCA Lab., a construção de um parklet, o Laboratório de desobediência Urbana, exposições coletivas, shows, apresentações teatrais e performáticas, grupos de estudo, rodas de conversa e as *varietés*.



#### A sala escura (2017 - 2018)

A sala escura era o cômodo onde aconteciam as apresentações mais intimistas, um lugar com ótima acústica e paredes negras, criava profundidade para as apresentações, propiciava uma imersão intensa e ficou marcado principalmente por suas apresentações performáticas, teatrais e instalações artísticas (Figura 5).

Tal conjunto de características tornavam o espaço um ambiente oportuno para momentos de catarse coletiva, em que emergiram manifestações que rasgavam o silêncio, que expunham necessidades. Esse foi um período de evidenciar tudo aquilo que incomodava e violentava nossas vidas, decorrente do processo de expurgo que se deu desde 2015. É no escuro que se revela o oculto, o invisível e o invisibilizado. A ação de exposição foi conflituosa, mas necessária para enxergar os problemas, aquilo que nos impedia de avançar no dia a dia, que desmobilizava o coletivo. Essa fase principiou o fim, junto ao golpe sofrido por Dilma Rousseff, os movimentos autônomos, que já passavam por inúmeros obstáculos, entram em um grande declínio.

Foi nesse momento que me integrei de fato ao coletivo e mantive o vínculo até se findar, seria desonestidade falar da minha experiência e não tentar relatar a densidade que era estar ali. Por se localizar na região portuária, regiões estas que geralmente são conhecidas por seus conflitos, a casa é carregada de uma história difícil não sentir. Mesmo que esse não seja um dado factual, são incontáveis o número de pessoas que falavam sobre a sua “energia” histórica, muitas inclusive não frequentavam o espaço, talvez por superstição infundada ou talvez por realmente existir algo que a rápida experiência humana não consegue comprovar. Com ou sem crenças, esse era um sentimento compartilhado, até por quem escolhia estar ali. Por ser algo de ordem tão subjetiva, as palavras parecem sempre ser insuficientes para explicar a experiência. Além de uma ou outra história da aparição de uma mulher, que aparentemente habitava a casa em outro plano (quem sabe outro período da história), a casa em si fazia muitos sons, obviamente por ser antiga e com chão de madeira, mas parecia ter vida própria.

Devido ao fato de ser grande e sempre cheia de gente, ficar só era uma experiência rara, que exigia sagacidade, se propagava uma sensação de que ficar só não era possível. Ela parecia uma casa monstro, Sarah associa ao Castelo-rá-tim-bum, sempre desconfiei que de alguma forma ela entrava em sincronia com as apresentações e desencadeava uma série de estranhas coincidências, mesmo que parte considerável de mim não acredite em nada disso. Era como uma forma de habitar uma linha atemporal, que um pequeno desvio da racionalidade proporcionava uma experiência de epifania quase extracorpórea. Além de muitas vezes ter presenciado momentos de eventos em que as apresentações, principalmente performáticas, levaram a um estado quase que de transe coletivo. Óbvio que a maioria destes fenômenos poderia ter uma explicação mais racional, mas a intenção aqui não é a de explicar essas experiências e sim registrar esse fenômeno.

Costumava dizer que Pelotas é uma cidade amaldiçoada com razão, um grande *brick* a céu aberto, uma cidade museológica, cheia de orgulho dos seus casarões e estátuas em homenagem aos exploradores, uma cidade presa em seu passado promissor que acabou tendo um futuro corroído por mofo. Mas que carrega uma beleza decadente, uma cultura afro-brasileira muito viva, uma fauna e flora muito peculiares, onde podemos observar a passagem do tempo além da contagem de números do relógio, mas também pela cor das folhas e dos fins de tarde. A maioria dos estudantes que vêm de outras regiões do país, modifica profundamente a vida dos que já estavam na cidade e não conhecem suas várias camadas, porque interagem com uma parte da cidade limitada aos prédios da universidade. As relações criadas na O.C.A. me permitiram interagir com o entorno e com a comunidade local de muitas outras formas, o que aconteceu com a maioria dos estudantes que frequentavam o espaço.

As práticas e organizações dos anos anteriores foram mantidas, mas passaram por várias transformações já que o coletivo não tinha membros fixos e, em sua maioria, era formado por universitários que eram originários de outros municípios, por isso havia uma certa fluidez à medida das necessidades e vontades em comum. O fluxo de pessoas agregava diferentes ideias, mas tornava tudo muito impermanente, trouxe a dificuldade de estabelecer prioridades coletivas e a ordem de princípios básicos. As oficinas, encontros e projetos abertos à comunidade continuaram, mas passaram por alterações na medida em que seguiam as proposições de quem estava presente.

No ano de 2017 a casa sediou o Projeto Multiversidade Autogestionária de Aprendizagens Livres da UFPel, que teve como proposta a criação de grupos de estudo sobre educação libertária, como uma prática autônoma de aprendizagem por um viés da educação anarquista. O coletivo mobilizou neste mesmo ano, a formação de uma biblioteca libertária por meio do projeto citado, que contou com a doação de livros, zines, revistas e catálogos. Como forma de ativação, foram feitos grupos de estudos sobre assuntos variados, mas com foco em temas como gênero, sexualidade, classe e raça, a partir de referências não eurocêtricas, já que essas pautas foram se mostrando cada vez mais emergentes durante esses anos, tanto local quanto nacionalmente.

Desde o princípio houve uma grande vinculação das nossas propostas com a educação libertária, o dia a dia envolvia concepções que talvez se aproximem da transdisciplinaridade, na qual os processos de ensino-aprendizagem eram indissociáveis do nosso cotidiano. Sob a perspectiva que visava a quebra da lógica de transmissão de conteúdo e de hierarquia entre professor e aluno, em prol da valorização de saberes múltiplos associados à própria vida. Apesar de alguns momentos serem reservados para o estudo, troca de experiências e informações, estávamos inseridos o tempo inteiro na relação de aprender e ensinar algo novo, não havia distinção entre prática e teoria, figuras de autoridade ou desvalorização de áreas específicas do conhecimento.

Muitos de nós éramos estudantes de licenciatura, portanto sentíamos vontade de pensar as problemáticas presentes em sistemas tradicionais de ensino, tivemos ali a oportunidade de testar outras formas de compartilhar conhecimento e experiências.

O modelo industrial de produção do final do século XIX serviu de base para a organização curricular da escola, que separa as áreas do conhecimento em disciplinas. Essa forma fragmentada de organização do conhecimento, também teve forte influência de Descartes, que entendia a natureza através de um caráter dualista de divisão entre a mente e matéria, como se existissem isolados um ao outro. Tal fragmentação atrapalha o processo de aprendizagem, gera frustração nos estudantes que não conseguem criar sentido no aprendizado, já que os conteúdos não se conectam entre si (COCCO, et al. 2013) e nem com suas vidas. O método tecnicista de separar os campos do conhecimento, de desmembrar a mente e o corpo, desconectam os estudantes da vontade de aprender, essa estrutura é pensada para formar seres domesticáveis e submissos, apenas para exercer funções de maneira mecânica dentro do mercado de trabalho. Esse sistema de ensino forma seres acrílicos, eternamente dependentes da lógica de consumo que caminha em direção oposta à autonomia.

O fato de não termos um espaço de criação livre, dos cursos da universidade estarem em prédios separados e de o ensino superior ser voltado para saberes hiperespecializados, nos despertaram a necessidade de criar espaço para convergir os conhecimentos. Grande parte dos integrantes do coletivo eram de áreas artísticas, como teatro, artes visuais, dança, música e cinema, mas a relação de saberes criada no espaço sempre levou em consideração as mais amplas complexidades dos modos de ser enquanto indivíduo e enquanto coletivo. Os conhecimentos trabalhados dentro das salas de aula, ali tomavam vida em uma permuta constante, juntamente com a convivência com pessoas que não pertenciam a universidade, de diferentes idades e variadas situações. Cada um que passava pelo espaço trazia consigo as suas perspectivas e histórias, suas ideias e conhecimentos empíricos. A configuração do espaço em si era efêmera, estava sempre em transformação de acordo com as vontades e propostas artísticas, como mezaninos, ateliês, biblioteca, ambiente de estudos e ensaios. Outra problemática da divisão dos conhecimentos é que muitas vezes são exigidas, durante o exercício da profissão docente, o conhecimento de outras práticas artísticas, que não são trabalhadas durante a graduação, para as pessoas que passaram pelas experiências da O.C.A. esse repertório foi criado, de acordo com a permuta entre as áreas.

Uma das principais singularidades dessa experiência, conforme afirma Bruna, era a de criar um cotidiano alternativo ao imposto, que propiciava um ambiente lúdico, inspirava a imaginação e a criatividade, músicas espontâneas preenchem os momentos de lazer e o próprio cotidiano, vivemos tempos de intensa criação artística. A rotina de atividades e o contato com diferentes pessoas estimulava a construção de outro ritmo na cidade e práticas artísticas mais relacionadas com a vida. A própria posição da O.C.A. em uma grande encruzilhada, sempre cheia de oferendas, assemelha-se simbolicamente ao que ela se tornou: o ponto de encontro, uma união dos conhecimentos.

Uma questão muito marcante para o intercâmbio político e cultural latino-americano que acontecia, era o fluxo de zines que chegavam no espaço, se multiplicavam e se difundiam. Os zines muitas vezes influenciaram as formas de organização, ajudaram a pensar estratégias, criaram momentos de compartilhamento que agregaram muito as concepções de identidade de gênero, diversidade sexual, ideias anarquistas, sustentáveis e o combate ao racismo, machismo e homofobia.

O lugar de experimentar o novo também é um lugar de autoexposição e vulnerabilidade, há sofrimento na metamorfose, ainda mais quando a história é repleta de atrocidades.

Quanto maior o fardo histórico que se carrega, maior o desafio de transfiguração, de necessidade de destruição e desconstrução, como parte que principia a construção e criação. Como o passado não abandona o presente, todos carregamos nossa bagagem cultural, que foi construída também junto a valores coloniais e capitalistas, mesmo que lutando cotidianamente para inventar algo que muitas vezes é difícil de nomear, que exige uma fusão entre imaginação e prática, ainda estamos sujeitos a reprodução de opressão. A esse respeito, acredito ser importante cometer novos erros, porque isso pressupõem o aprendizado e a autopercepção de que esses valores culturais estão presentes, até mesmo nos lugares que se propõe a práticas libertárias. Por maior que seja a disposição de se rever e se reinventar, seja individual ou coletivamente, as contradições estão sempre presentes, reconhecê-las é indispensável na busca constante de uma consciência social e histórica.

Nós enfrentamos nossos próprios desafios, em que a maior dificuldade era habitar o experimento e não saber qual caminho era o certo, nem ao menos se tal caminho existe. Havia uma grande dificuldade de envolver as pessoas em oficinas semanais, como não contavam nota ou presença tudo dependia da vontade individual daqueles que frequentavam, o que tornava a presença impermanente, isso causava um problema de continuidade nos assuntos. Talvez esse problema esteja relacionado a maneira que aprendemos a aprender, pela lógica da obrigatoriedade. Como um lugar de aprendizado e desconstrução, acabava vindo a superfície problemas estruturais que a sociedade tenta soterrar, como o racismo e o machismo, algo que está presente em todos os lugares, inclusive nas escolas. Os docentes, durante o exercício da profissão, também terão que lidar com reproduções de opressão e violência social, em que não estão preparados, apesar de discussões acerca desses temas surgirem durante a graduação, não há elaboração de práticas. No nosso espaço, tais práticas surgiram para tentar conviver, transformar e desconstruir, a medida que cada um se propunha.

Grande parte das crianças que estavam presentes no início da ocupação, nesse momento de 2017 e 2018, já haviam se tornado adolescentes ou pré-adolescentes, aqueles integrantes do coletivo que ficaram desde então as viram crescer. Como a casa estava sempre aberta, atraía aqueles que em algum momento vagavam pelas ruas e por algum motivo paravam ali, o que trouxe algumas relações incríveis para nossa vida, mas outras extremamente conflituosas. A relação com algumas das crianças, que anteriormente acontecia através das oficinas ou para compartilhar comida, começou a se tornar uma situação que envolvia ameaças, desrespeito com o espaço e conosco, vimos algumas delas entrarem para o crime e para prostituição. O contexto social permeado pela falta de política pública para populações marginalizadas, tornou nosso espaço ora um lugar de refúgio e acolhimento, ora um lugar a ser atacado, o que é comum acontecer com ocupações que não controlam o fluxo de pessoas. Essa situação nos trazia reflexões acerca das realidades contrastantes, de conflitos internos sobre privilégios e das diferenças de acesso, já que a maioria de nós era branco e universitário. As circunstâncias evidenciaram a necessidade de atividades, centros culturais e esportivos para crianças e adolescentes da região, além da percepção de como reverbera no presente o histórico escravocrata da cidade. A maioria dos estudantes que passaram pelo coletivo não eram naturais de Pelotas, talvez esse seja um dos motivos que levou ao conflito. Quando casas culturais se abrem à comunidade, é importante que pessoas da própria comunidade estejam inseridas na organização dos eventos e gestão do espaço, apenas pessoas que são ambientadas com o local entendem suas demandas mais profundas, além de terem uma outra relação com a vizinhança. Acabamos nos colocando em um trabalho que se assemelha a assistência social, que é extremamente complexo, não tínhamos preparo nenhum para tal.

Ainda assim, uma outra criança, filha de um trabalhador dos arredores, cresceu dentro da O.C.A. e tivemos o privilégio de acompanhar seu crescimento, de transformar e



sermos transformados. O convívio com a diversidade de identidade de gênero, no contexto dessa criança, se tornou algo naturalizado, era impressionante ver a inteligência e sensibilidade que uma criança pode desenvolver com a convivência. Essa criança esteve presente diariamente no espaço, após a escola, entre seus 6 e 11 anos, era um membro fundamental para nós, participou de diversas atividades e estava sempre construindo algum brinquedo com nossos milhares de materiais aleatórios, foi uma convivência profundamente afetiva. Uma mulher frequentou o espaço por alguns meses junto a seu filho, ela estava desempregada e nos procurava em busca de apoio, inicialmente por não ter o que comer e costumávamos dividir nosso “recicle” com ambos. Um dia ela foi despejada da casa em que morava, e já passava por todas as dificuldades que uma mulher negra, mãe e solteira vivem. Nós a acolhemos, ensinamos como, quando e onde fazer os “recicles”, que poderiam ser a fonte de refeição daquele núcleo familiar. Eu me aproximei muito dela através das trocas de vivências, ela esteve presente em grupos de estudo sobre gênero contribuindo com reflexões sobre sua realidade e estava sempre lendo os livros da biblioteca, e de seu filho que criamos uma relação principalmente através do jogo de xadrez, aprendi muito com ambos. Mais tarde ela conseguiu uma casa e se aproximou cada vez mais dos movimentos de ocupação.

Muitas vezes nos envolvemos com os problemas pessoais de quem buscava alguma forma de ajuda, era extremamente difícil lidar com os contextos e suas complexidades. Lidar com essas demandas sociais, com a graduação e com os problemas pessoais era um dos maiores desafios, que trouxe crises muito profundas, principalmente para integrantes não-homens, já que eles geralmente escolhiam não se afetar. Uma certa ideia rondava o espaço de que deveríamos estar sempre abertos à comunidade, com o tempo percebemos que essa era uma forma de romantização dos princípios de comunidade e coletividade, que fazia a linha entre o coletivo e o individual se perder.

As reuniões semanais que tratavam de assuntos de ordem prática, acabavam expondo cada vez mais a reprodução dos papéis de gênero, no qual se dava às micro pressões que sobrecarregavam, principalmente as mulheres cis e dissidentes de gênero, no

trabalho doméstico e nos conflitos de ordem relacional. Tivemos que desenvolver estratégias como fechar as portas e controlar o fluxo de pessoas, até mesmo para os “viajeiros”, já que receber muita gente desorganizou o coletivo. A inconstância dos membros dificultou a continuidade de hábitos e práticas associadas aos nossos princípios ideológicos, a falta de estratégias mais consistentes foi um dos motivos que fez com que a ocupação chegasse ao fim, em 2019. A partir de então, só entravam pessoas de fora quando tinha alguma atividade determinada, na transição entre esses dois anos a ocupação passou a aceitar apenas mulheres cis e dissidentes de gênero.

Em 2018 o espaço foi gerido por poucas pessoas, quase todos eram membros novos, que mantinham contato com a ocupação, mas que não viveram ali anteriormente. Uma das principais atividades desenvolvidas foi a criação do projeto Ateliê Livre Judith Bacci, de serigrafia. A presença de duas pessoas dissidentes e afro indígenas, responsáveis por grande parte da movida deste ano, trouxeram questões ainda mais demarcadas sobre a normatividade e os privilégios, debates e embates inevitáveis, que atingiram todas as pessoas do coletivo, principalmente as cisgêneras, brancas e heterossexuais. O que revelou muito sobre as limitações do movimento anarcopunk de okupas, que ainda é resistente a se voltar para questões de gênero, sexualidade e raça, como afirma Bruna.

Outro acontecimento que modificou nosso cotidiano e das pessoas do bairro foi a reabertura das atividades portuárias, realizada pela empresa Sagres, responsável pelo transporte de madeiras de eucalipto, matéria-prima da produção de celulose. A empresa trouxe, sob o pretexto de desenvolvimento econômico, inúmeros impactos ambientais e sociais que, com o transporte diário por meio de caminhões com toneladas de madeira, afetaram diretamente a vida dos moradores e as estruturas das casas antigas (que são a maioria) do bairro. O que vem gerando o chamado de revitalização da região do porto, mas também um processo de gentrificação. Essa empresa inclusive passou a patrocinar grande parte dos movimentos culturais da cidade. Desde o começo da sua ativação, ouvíamos em todos os momentos do dia o barulho dos braços de ferro realocando um imenso número de troncos, o que parecia ser a quantidade de uma floresta morta por dia. O trabalho nunca parava, do momento de acordar até o momento de dormir, o som das máquinas invadia todos os lugares da casa e até nossos sonhos.

### Porta de saída (2019 – 2024)

A porta de saída narra sobre o fim da ocupação, sua autodissolução. O lugar que um dia abriu passagem para a metamorfose do corpo, do espaço e da história, agora encerra sua caminhada para fechar o ciclo e vir a ser outra porta de entrada, com novas aberturas (Figura 6).

A onda de movimentos que tomaram as ruas em 2013, que ocuparam escolas e universidades em 2016, em 2019 recaiu. Desde a ascensão de Michel Temer até a posse de Jair Bolsonaro, tornou-se cada vez mais difícil viver no país em que sobreviver é um privilégio. A reintegração de posse não foi o nosso caso, mas foi uma onda generalizada de medo, em que as necessidades mais básicas e a falta de esperança tomaram o lugar dos movimentos coletivos. No caso de Pelotas, essa realidade também teve um contexto próprio, o chamado Pacto pela Paz. Promovido pela prefeitura, aumentou a repressão policial em nome da redução da criminalidade, que perseguiu principalmente jovens periféricos e estudantes da UFPel, na paz promovida por autoridades governamentais, está quase sempre implícito como método a violência, para defender a paz dos patrões. O medo é um projeto político.



No ano de 2019, a casa passou a ficar sem moradores, sobraram apenas quatro pessoas das formações antigas do coletivo, o que não era um número suficiente para manter o espaço ativo. Isso fez com que a casa começasse a entrar em rápido estágio de deterioração, já que ela precisava de manutenções quase que diária para manter suas estruturas. Por isso, poucas atividades aconteceram no espaço, entre elas estavam ensaios de grupos da dança e do teatro, algumas apresentações teatrais e performáticas, alguns encontros, oficinas e sua última *variété*, que não por acaso foi nomeada “Reviravolta da Revolta: preparades para o fim”. O fim de fato chegou, tanto o fim do coletivo quanto o fim das aglomerações devido a pandemia de COVID-19. Essa última *variété* contou com um público não muito numeroso, já que muitas pessoas deixaram de ir por receio de agressão policial, que se tornou comum em eventos universitários. Ainda assim, foi um dos melhores eventos do espaço, com público e atrações majoritariamente diversos.

A fotografia do salão do segundo andar registrou uma das atividades deste ano, a oficina de Lambe-lambe ministrada por Marianne Simões (Figura 7).

O momento que atravessamos neste período, foi entendido por nós como um estágio de transição, o futuro da casa era completamente incerto, nosso maior receio era de que voltasse a ser abandonada. No final do ano, surgiu a proposta do NUGEN (Núcleo de Gênero e Diversidade) da UFPel, para reformar a casa e transformá-la em um centro de vivências culturais da UFPel. Com pautas voltadas à diversidade sexual e de gênero, começou a ser ativada no ano de 2022, por meio de diversos coletivos da cidade com projetos de ação afirmativa direcionados para a comunidade.

As reformas começaram em 2020, o nosso coletivo com poucos integrantes e com a ajuda de alguns amigos, precisou organizar mais de cinco anos de história, com um grande número de obras artísticas, mobília e objetos que haviam sido produzidos ao longo do tempo. Além da dificuldade que essa tarefa exigia por si só, a pandemia foi uma grande barreira para acessar a casa, não tínhamos como nos deslocar com frequência suficiente para acompanhar a reforma. Como parte dos protocolos da

instituição, que segue um modelo padrão, a reforma fez com que praticamente todo nosso acervo se perdesse, descaracterizando o que construímos até então, restou apenas uma pequena pilha de livros e zines.

Cabe salientar a existência de uma estética que acompanha as ocupações, especialmente aquelas em prédios históricos, onde estão muito presentes os lambes, pixos, murais e grafites, artes urbanas em geral, que preenchem o espaço com expressões artísticas, frases de cunho libertário e de incentivo à organização do espaço. Estas são características que permitem a percepção dos fundamentos de um movimento ao observar suas paredes, que incentivam as singularidades, subjetividades e o sentimento de pertencimento. Já as características visuais que ligam os prédios institucionais, são as cores geralmente branca ou cinza de suas paredes, a disposição de salas isoladas, os banheiros masculinos e femininos, a padronização das construções extingue as singularidades e seus contextos. A semelhança entre as escolas e presídios, por exemplo, tem a função de propagar relações hierarquizadas e militarizadas que reforçam a domesticação, tornando os indivíduos mais fáceis de controlar, como aborda Foucault (1987).

Refleti muito sobre como esses modelos institucionais atravessam as histórias e reduzem a diversidade a uma única forma. Contudo, o próprio NUGEN também não teve controle da situação pelo mesmo motivo que nós. A COVID-19 e o isolamento social pandêmico foram os motivos que de fato impediram a preservação da memória no nosso contexto. Por fim, foi institucionalizado, mas continua sendo o espaço que falta dentro da universidade, um espaço aberto a proposições artísticas e culturais, que buscam práticas focadas nas necessidades de populações marginalizadas, que também tem seu espaço negado dentro da cidade. A casa está criando outra forma de autonomia, com a convergência das experiências de coletivos relevantes dentro dos movimentos feminista, negro, indígena e LGBTQ+ da cidade. Desde então aconteceram atividades como a Feira de Mulheres Empreendedoras Negras e Indígenas (FeMENI), a I Mostra Pelotas LGBTQ, a casa também sediou durante cinco dias o “Fundo – Festival Internacional de Performances”, por meio do projeto de pesquisa Estudo sobre a profundidade, vinculado à UFPel.

Além disso o coletivo O.C.A. está ocupando o espaço hoje sob uma nova formação, com o nome de RetOCA, que traz consigo ideias, práticas e memórias do antigo coletivo, mas com uma forma de ação mais pontual, como a *Variété* “Ressuscitah: o recomeço do fim” (2022) e a *Variété* em desenvolvimento “Varietoca: edição Retoca” aprovado pelo Pró-cultura de Pelotas. Assim a história segue sendo ressignificada mais uma vez.

## Referências

BAHIA, Dora Longo. Por uma arte revolucionária e independente. *Aurora – revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.13, n.38, p. 94-108, 2020.

COCCO, Izabel Rubin et al. A Fragmentação Disciplinar sob a Ótica das Quatro Áreas de Conhecimento. In: ENCONTRO DE DEBATES SOBRE O ENSINO DE QUÍMICA, 33., Ijuí, 2013. Anais 33º EDEQ. Ijuí: Edeq, 2013.

FERNANDES, Carla P.P.G. *Apoio mútuo, coletivismo e autogestão no processo de gerenciamento de projetos em organizações de software e serviços de tecnologia de informação*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. 288 p.

GUTIERREZ, Ester J. B. *Barro e sangue mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas [1777-1888]*. 1999. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KNUTH, Franco Goulart. *Os conflitos de uso da zona portuária de Pelotas e uma proposta de estrutura de negociação na perspectiva do gerenciamento costeiro integrado*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande.

LIMA, Juliana Domingos de. *50 anos de 'O Direito à Cidade'. E como o conceito ganha novos contornos*. Nexo, 20 mai. 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/05/20/50-anos-de-%E2%80%98O-Direito-%C3%A0-Cidade%E2%80%99.-E-como-o-conceito-ganha-novos-contornos> Acesso em: 25 de mai de 2022.

MARQUES, Rogério Nunes. *Desobediência Urbana - estratégias, práticas e táticas urbanômades. Zona urbana / região de interesse estratégico urbanômade na cidade de Pelotas (RS)*. *Revista Arte ConTexto*, v.5, n.14, 2018.

OTERO, Júlia. *Alunos da UFPel emitem nota e dizem que casa do estudante tem larvas na caixa d'água*. Gauchazh, Pelotas, 04 mai. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/05/alunos-da-ufpel-emitem-nota-e-dizem-que-casa-de-estudante-tem-larvas-na-caixa-dagua-cj5vy1f9w10wixbj0e8cfvu2r.html> Acesso em: 05 de jan. de 2024..

VERGARA, Camile Tejada. *Arte, Contracultura e Nomadismo: O corpo em movimento contra a autoridade*. 2013. Monografia (Bacharelado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas.

WAISMAN, Marina. *El interior de la historia. Historiografía arquitectónica para uso de latinoamericanos*. Bogotá: Escala, 1990.